



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

BRUNA SANTANA PIMENTEL GOULARTE

TEXTÃO DO FACEBOOK
Análise de uma nova modalidade textual

Brasília

2017

BRUNA SANTANA PIMENTEL GOULARTE

TEXTÃO DO FACEBOOK

Análise de uma nova modalidade textual

Monografia apresentada ao curso de Letras – Português da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientação: Prof. Pedro Mandagará

Brasília

2017

Sumário

Resumo.....	4
Introdução.....	5
I. Gêneros textuais	7
II.A natureza do ensaio.....	8
III. Facebook, perfil e bolha	11
IV. Análise.....	13
Considerações Finais	20
Referências.....	22
ANEXOS	23

Resumo

Acessar a internet já virou parte da rotina dos brasileiros. Dentro desse contexto, o Facebook aparece como uma das redes sociais em que os usuários mais interagem. O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão acerca dos chamados “textões” do Facebook e tentar encontrar, entre eles, elementos comuns que possam caracterizá-los como algum tipo de modalidade literária. Para isso, tomamos o conceito de Theodor Adorno sobre a forma do ensaio como fio condutor para aprofundar as discussões sobre o tema.

Palavras-chave: Textão. Facebook. Adorno. Ensaio.

Introdução

Acessar a internet já virou rotina para os brasileiros. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, a média de tempo que a população costuma passar conectada à internet, de segunda a sexta-feira, é de 4h40min. Em 2016, quase metade dos entrevistados (49%) disse utilizar - em primeiro ou segundo lugar - a internet como uma forma de “se informar mais sobre o que acontece no Brasil”. Em 2015, esse percentual era de 42%, o que mostra um aumento de sete pontos percentuais em apenas um ano.

Esses são apenas alguns dados que indicam o quanto a internet tem um papel central na rotina da população. E claro que, dentro da internet, as mídias sociais não poderiam ficar de fora. Elas ocupam boa parte do dia a dia de acesso dos internautas. Mais que isso: segundo uma pesquisa do Kantar Ibope, acessar as redes sociais é uma das atividades favoritas dos internautas brasileiros.

Em relação às atividades que os brasileiros mais praticam na internet, a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” mostra que 50% dos usuários a utilizam para acessar e participar de redes sociais, blogs ou fóruns. É a mesma quantidade de internautas que a utilizam para escutar música. Além disso, a pesquisa também aponta que as atividades realizadas dentro da internet não deixam de ser um tipo de leitura. Isso porque 52% das pessoas usam a internet para ler notícias e obter informações. Apesar disso, o número de quem prefere a leitura “tradicional” ainda é baixo. São 16% que leem jornais, 15% que leem livros e 11% os que leem revistas. Para esta nossa pesquisa, também é importante ressaltar outro dado: 19% dos usuários de internet a utilizam para compartilhar textos e informações sobre livros e literatura em blogs, fóruns e mídias sociais.

E é de se esperar que qualquer usuário ativo que utilize o Facebook como mídia social já tenha se deparado com o chamado “textão”. No perfil de um amigo ou replicando a narrativa de um desconhecido, o usuário da mídia social não escapa desse tipo de texto. É justamente essa modalidade de escrita o objeto de estudo deste artigo.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre o “textão” dentro da escrita digital. Afinal de contas, é possível pensar em literatura quando se analisa

esse tipo de texto, ou não? Como são as relações entre emissor e receptor desses conteúdos no Facebook?

Ainda de acordo com o Kantar Ibope, o que acontece é que as pessoas estão lendo mais, mas com menos profundidade. Os livros aparecem como segundo tipo preferido de leitura, ficando atrás apenas de leituras rápidas e cotidianas de notícias em páginas da internet.

Dentro desse contexto, o “textão” acaba sendo compartilhado e surge como um fenômeno de engajamento entre os usuários do Facebook. E é a partir desta constatação que este trabalho pretende aprofundar a análise desse tipo de escrita para refletir como esses textos se encaixam no tempo de leitura das pessoas.

I. Gêneros textuais

Pensar no tipo de escrita e nos tipos de texto que são postados nas mídias sociais pressupõe pensar, também, sobre as definições de gêneros textuais. Para começar esta discussão, podemos trazer a ideia de que “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2005, p. 1).

Essa primeira definição de Marcuschi é essencial, principalmente quando se pensa no contexto digital em que a população consome leitura e produz diversos tipos de texto. Neste momento histórico de conexão entre pessoas distantes, *selfies*, exposições de ideias e pensamentos, até a forma como nos posicionamos em nossos perfis na internet determina o modo como somos vistos e percebidos pela sociedade. Portanto, é válido pensar que as postagens em redes sociais se adaptam à questão do gênero textual.

Ainda de acordo com Marcuschi (2005, p.1), os gêneros são frutos do trabalho coletivo e contribuem para ordenar as atividades comunicativas do dia a dia, além de serem entidades sócio-discursivas incontornáveis em qualquer situação comunicativa. Apesar disso, Marcuschi (2005) lembra que os gêneros textuais não são estanques, nem enrijecem a ação criativa do ser humano. Muito pelo contrário:

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p.1)

Marcuschi (2005) destaca, também, que as tecnologias dos últimos dois séculos – principalmente aquelas ligadas à área da comunicação – proporcionaram o surgimento de novos gêneros textuais. É claro que a utilização dessas tecnologias está muito mais relacionada a esses novos gêneros do que ao surgimento da tecnologia em si.

Aqui, podemos voltar a pensar na forma como os usuários utilizam as mídias digitais. Em seu artigo, Marcuschi cita os grandes suportes tecnológicos

da comunicação como o rádio, a televisão, o jornal, a revista e a internet, por exemplo. Agora, em nível de reflexão, já podemos pensar que a comunicação dentro da internet se tornou algo muito mais amplo do que em 2005, quando Marcuschi escreveu seu artigo.

Isso porque a comunicação na internet se tornou algo muito mais instantâneo do que a televisão ou o rádio. As pessoas se comunicam por meio de aplicativos de mensagens como o WhatsApp ou o Messenger do Facebook a todo instante. Ainda consomem notícias de jornais, revistas e etc. No entanto, podem consumi-las também sem nem precisar sair do Facebook. Têm acesso a opiniões políticas de outros usuários, acumularam milhares de “amigos” e “reagem” com curtidas e compartilhamentos do conteúdo. Atualmente, é possível saber as opiniões político-ideológicas de uma quantidade muito maior de amigos e, além de tudo isso, reagir a elas.

Voltando à questão dos gêneros, Marcuschi (2005) também lembra que outro aspecto central no caso desses tipos emergentes, é a relação que estabelecem com os usos da linguagem como tal:

Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (MARCUSCHI, 2005, p.2)

É interessante perceber como este trecho traz características presentes nos gêneros textuais utilizados nas mídias sociais online. A abreviação de palavras, a proximidade da escrita com a oralidade e a rapidez da comunicação são bons exemplos de como o conceito ainda se aplica perfeitamente aos tempos atuais.

II.A natureza do ensaio

Não é fácil pensar sobre as características de um tipo de texto que se realiza dentro de uma plataforma digital. Há possibilidades de edição das

postagens, interação com outros usuários e uma série de outras peculiaridades que tornam o “textão” do Facebook quase que único em sua composição.

No entanto, é fundamental trazer outras teorias que possam auxiliar a destrinchar as características dos “textões”. Por isso, antes de pensar sobre o objeto deste trabalho especificamente, vale a pena refletir sobre outro gênero textual que, de alguma forma, se relaciona intimamente com a composição do “textão”: o Ensaio.

Em “O ensaio como Forma”, Theodor Adorno explica que “o ensaio reflete o que é amado e odiado, em vez de conceber o espírito como uma criação a partir do nada, segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho” (ADORNO, 2003, p.17). Isso nos mostra como Adorno entendia o ensaio como uma construção textual pouco rígida, que foge do entendimento filosófico de trabalho, como oposição ao caráter informal e livre da arte.

Apesar de não entender o ensaio como um tipo de texto construído dentro desse modelo rígido de trabalho, Adorno também não o entendia como uma forma totalmente artística:

O ensaio se aproxima de uma autonomia estética que pode ser facilmente acusada de ter sido apenas tomada de empréstimo à arte, embora o ensaio se diferencie da arte tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética” (ADORNO, 2003, p.18).

Tendo como base essa afirmação de Adorno, passemos para a reflexão sobre a forma como o ensaio costuma ser construído. Primeiramente, já ficou claro que esse tipo textual se caracteriza por certa autonomia estética. Isso quer dizer que não existe nenhuma regra de composição normativa para construí-lo. Essa autonomia é muito própria de obras artísticas e, por isso mesmo, Adorno destaca esse aspecto. Mesmo contendo essa peculiaridade, não devemos cair na armadilha de deduzir que o ensaio se resume, puramente, à arte. Os conceitos que o ensaio carrega e a falta de aparência estética o afasta das características da arte.

Mas não paremos por aí. A teoria de Adorno nos permite pensar que o ensaio é uma forma híbrida, que transita numa linha tênue entre os tipos artístico

e científico. Isso porque o ensaio não precisa se apegar ao método da produção científica e nem à necessidade do ineditismo da arte.

Ainda de acordo com Adorno, uma das grandes qualidades do ensaio está justamente na sua não-pretensão de atingir um conhecimento absoluto e científico sobre um determinado tema. “Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva” (ADORNO, 2003, p.25). Isso significa que esse tipo de texto não pretende ser um todo em si mesmo. O ensaísta não deve, então, buscar responder a todas as perguntas, e nem tentar retratar a vida social como um todo. Isso porque a própria forma do ensaio não se adéqua a esse tipo de construção.

Para Adorno, a beleza desse tipo textual está num modelo que não é quadrado, mas que possibilita formas diferentes de ser escrito. “O ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma, que atribuiu dignidade ontológica ao resultado da abstração, ao conceito invariável no tempo, por oposição ao individual nele subsumido” (ADORNO, 2003, p.25). Essa afirmação de Adorno nos permite pensar que a “alma” do ensaio está muito mais na reflexão, do que na classificação objetiva e científica de determinado tema.

Claramente, os textos publicados no Facebook não chegam nem perto dos exemplos que Adorno tinha em mente quando escreveu “O ensaio como forma”. No entanto, as reflexões do autor podem servir como uma espécie de fio condutor para a análise do *corpus* de pesquisa deste trabalho. Isto se deve ao fato de muitos “textões” – como veremos mais à frente - terem esse caráter subjetivo, às vezes sem uma forma específica e que, na maioria das vezes, não têm a pretensão de provar uma verdade absoluta e científica. Ainda nesse sentido, Adorno lembra que o ensaio é um tipo de texto que se aprofunda dentro de sua própria temática e rompe o conceito metodológico tradicional.

O ensaio suspende ao mesmo tempo o conceito tradicional de método. O pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa [...] Ele unifica livremente pelo pensamento o que se encontra unido nos objetos de sua livre escolha. Não insiste caprichosamente em alcançar algo para além das mediações – e estas são mediações históricas, nas quais está segmentada toda a sociedade como um todo -, mas busca o teor da verdade como algo histórico por si mesmo. (ADORNO, 2003, p.27)

O que Adorno quer dizer com isso, é que há liberdade no ensaio. Não existe, nesse tipo de texto, uma tentativa de ir além do que o próprio texto está dizendo. E isso não significa uma crítica ruim. Muito pelo contrário, Adorno entendia que o ensaio se bastava a si mesmo enquanto componente histórico. A profundidade do ensaio acontece, então, não porque o autor busca respostas irreduzíveis fora do texto, mas porque a temática do próprio texto é aprofundada. É um tipo de construção textual que acaba sendo bem diferente da escrita científica.

E, dentro de nossa reflexão, quando pensamos historicamente em um contexto social em que as pessoas estão cada vez mais conectadas à internet, é importante levar em consideração o modo como os usuários estão produzindo textos e consumindo leituras. Faz parte das “mediações históricas” citadas por Adorno.

III. Facebook, perfil e bolha

O Facebook foi fundado em 2004. Em 2016, havia uma média diária de 82 milhões de usuários ativos na rede, só no Brasil. De acordo com o blog institucional da empresa, a missão do site é “dar às pessoas o poder de compartilhar e fazer do mundo um lugar mais aberto e conectado. As pessoas usam o Facebook para manter contato com amigos e parentes, descobrir o que está acontecendo no mundo e compartilhar e expressar o que é importante para elas”.

Essa definição do próprio Facebook é simples, porém traz um fator-chave na composição deste artigo: a de que os usuários usam essa mídia social para compartilhar e expressar o que é importante para eles. E “compartilhar” virou um verbo quase que mandatório nas relações sociais atuais. Não apenas fotos e vídeos, tudo é compartilhado: pensamentos, opiniões, pontos de vista político-ideológicos. Na página inicial do Facebook, a primeira pergunta que aparece é: “no que você está pensando?”. A partir daí o usuário passa a postar suas fotos, vídeos ou texto para sua rede de amigos. As mídias sociais tornaram-se o canal de revelação da personalidade de cada usuário.

Além disso, elas chamam a atenção por outro aspecto muito importante: ajudam na divulgação desses pensamentos. Provenientes de autores que têm a pretensão de serem lidos – e até às vezes usuários comuns, que despretensiosamente escrevem um texto – esses novos formatos de escrita estão se estruturando e se estabelecendo em uma plataforma que é democrática e que dá espaço para vários tipos de discurso.

É dentro desse contexto que os “textões” ganham força. Eles estão em vários lugares dentro da rede: servem de desabafo, posicionamento político, relatos e até como forma de “pagar sapo”.

De acordo com Subrinho (2016), essas mudanças dos gêneros, autores e obras literárias também fizeram com que surgisse um novo perfil de leitores. “O leitor que participa da construção do texto, partilha das suas percepções com os demais leitores e divulga suas inferências nas redes” (SUBRINHO, 20016, p.2). Isso significa que o leitor está exercendo um papel mais ativo diante da construção dos textos, de forma geral.

Vale pensar então, na ideia de perfil. Quem é essa pessoa que está falando nas redes sociais e expondo seu posicionamento para milhares de outras pessoas?

De acordo com Malini (2016, p. 3), um perfil seria uma conta pessoal virtual criada para que os usuários possam participar de uma determinada mídia social dentro da internet. Segundo o autor, o perfil é uma representação informacional de contas online, cujas publicações são sempre feitas e programadas por uma ou mais pessoas.

Tendo isso em vista, sigamos para a justificativa da seleção do corpus deste artigo. Seria impossível analisar, em um trabalho inicial como este, um corpus muito extenso de “textões”. Por isso, foram selecionados três textos postados no Facebook, para a realização da análise de características em comum entre eles. Uma observação importante, é que o Facebook se comporta de forma a agradar os usuários. Dessa maneira, cada um terá na sua página publicações com as quais se relaciona mais. É quase como uma bolha, onde os textos de interesse do usuário vão aparecer primeiro do que aqueles que não têm nada a ver com aquilo em que ele acredita.

Vale resgatar aqui as palavras de Malini (2016), no que tange à explicação das estruturas comunicativas dentro das mídias sociais. Isso porque as

plataformas digitais se configuram como redes, o que significa que o perfil do usuário não deve ser analisado individualmente, mas em conjunto com os outros perfis que também fazem parte dessas redes de conexão.

As estruturas comunicativas da sociedade dos perfis da internet nos impõem, portanto, a tarefa de vê-los continuamente como relações em tempo real com o outro. A perspectiva do ponto de vista é o que faz atrair ou repelir os actantes, que se vestem de perfis ou canais nas redes sociais. Ter um ponto de vista é, então, antes, assumir uma perspectiva com o outro sobre uma realidade. Trata-se de atuar dentro de um sentido que é anterior e formador do tópico frasal publicado por um perfil. Sentido coletivo que reproduz a experiência de ser perfil, por primeiro capturar e ser o feed de outrem, uma experiência relacional de estar no entre, que faz os perfis, ao mesmo tempo, acederem à perspectiva de outrem ao mesmo tempo que a atualizam a partir de seu sotaque próprio em suas postagens que viralizam essa atualização. (MALINI, 2016, p. 10)

Por isso, vale lembrar que os textos escolhidos para esta análise foram selecionados dentro de um único perfil de Facebook, o que – de modo algum – significa que só existem formas e temáticas de “textões” como as analisadas aqui.

Dentro dessa estrutura explicada por Malini, cada usuário do Facebook, ao entrar em seu perfil, vai se deparar com “textões” que, provavelmente, estão relacionados às páginas curtidas e às pessoas de quem são “amigas” na rede. Por tanto, para cada pessoa, os tipos de “textão” e as temáticas sobre as quais eles tratam serão diferentes. Mesmo assim, o pequeno *corpus* selecionado para este trabalho já serve de exemplo para nossa reflexão e, por isso mesmo, tem o seu valor.

IV. Análise

Três textos foram selecionados para compor o corpus de pesquisa deste artigo. O objetivo da análise é tentar encontrar pontos em comum entre eles e, da mesma forma, tentar perceber como os leitores se relacionam com as publicações.

O Facebook foi a plataforma escolhida, por apresentar como uma de suas características a possibilidade de publicação dos chamados “textões”. Diferentemente do Twitter, por exemplo, em que as publicações devem ter no

máximo 140 caracteres, o Facebook tem espaço livre para que o usuário possa se expressar.

Vale ressaltar aqui quais são as formas de interação possíveis dentro da plataforma do Facebook. Em uma postagem aberta ao público, qualquer pessoa pode “comentar” e escrever o que achou daquela publicação. Além disso, pode compartilhar o texto dentro do seu perfil individual, onde outras pessoas também podem comentar e compartilhar a postagem. É interessante notar como a conexão, nesses casos, se dá em planos diferentes. O primeiro plano é a postagem original. Depois, os compartilhamentos vão gerando outros planos e pontos de conectividade e, passados adiante, geram outras tantas possibilidades de discussão.

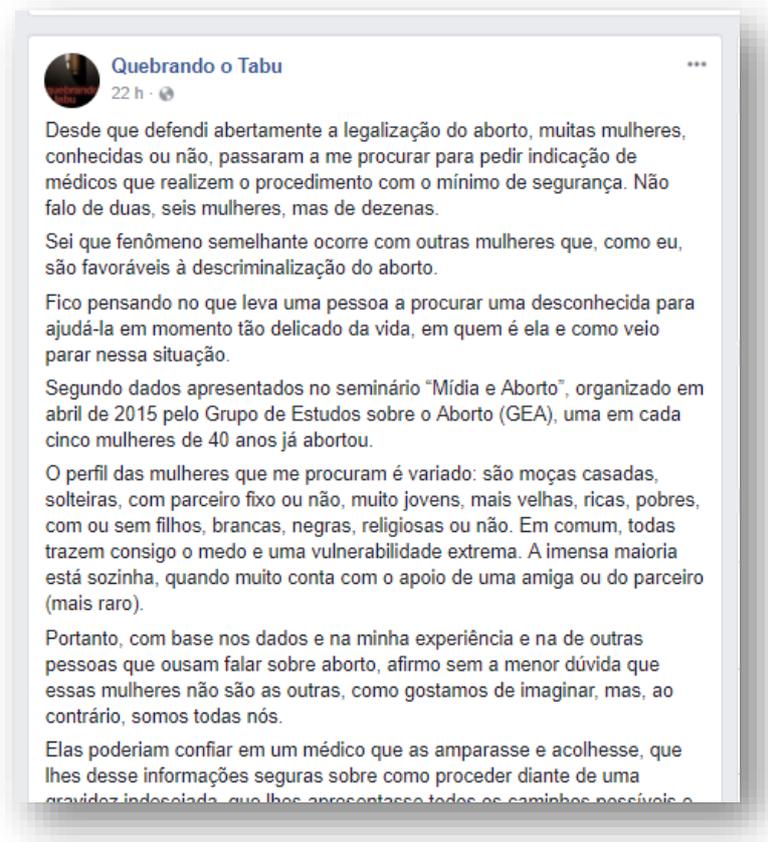
Além dos comentários e compartilhamentos, o Facebook também permite que os usuários tenham as chamadas “reações”. Um usuário pode ter várias reações a uma publicação: curtir (like), amar (amei), odiar (Grr), dar risada (haha), ficar surpreso (uau) ou ficar triste (triste).

Essas reações precisam ser detalhadas, justamente porque são formas de interação do leitor com o autor daquela postagem específica. E, em tempos de mídias sociais, quanto maiores (quantitativamente) forem as reações, comentários e compartilhamentos, maiores serão as chances daquela postagem ser lida, reconhecida e até mesmo viralizada dentro da internet.

Para sistematizar o processo de análise do *corpus* selecionado para este artigo, vamos responder aos seguintes questionamentos a respeito de cada texto analisado:

- 1) Quantas curtidas (reações), compartilhamentos e comentários teve a publicação?
- 2) Quais são as características do texto? Quem é o narrador? Quais são as fontes citadas? Como os comentários repercutiram na rede?

Texto 1 – Página “Quebrando o Tabu”



Post completo: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/1635577726498608>

1) Quantas curtidas (reações), compartilhamentos e comentários teve a publicação?

Até o 5 de dezembro de 2017, a postagem da página “Quebrando Tabu” havia sido compartilhada 191 vezes. Foram 2.400 reações à postagem: 2.017 curtidas, 322 reações ‘amei’ e 83 reações ‘triste’, além de 178 comentários.

2) Quais são as características do texto? Quem é o narrador? Quais são as fontes citadas?

O texto publicado na página “Quebrando Tabu” é narrado em primeira pessoa, o que confere a ele um caráter mais intimista, de relato.

Apesar disso, o objetivo desse “textão” é tentar provar o ponto de vista da autora – Mariana Varella - acerca da legalização do aborto.

Nele há a descrição de um caso pessoal o que, de certo modo, afasta o texto do molde acadêmico e do texto dissertativo-argumentativo.

Mesmo com tais características, a autora traz fontes oficiais e defende seus argumentos com base em números estatísticos, principalmente no trecho em que diz: *“segundo dados apresentados no seminário “Mídia e Aborto”, organizado em abril de 2015 pelo Grupo de Estudos sobre o Aborto (GEA), uma em cada cinco mulheres de 40 anos já abortou.”*

Dessa forma, ao mesmo tempo em que possui características argumentativas pessoais, o texto de Mariana também se baseia em dados sólidos na tentativa de provar seu ponto de vista.

Outro detalhe que merece destaque é o que se refere aos comentários da postagem. Pela extensão deste artigo, não foi possível fazer uma análise mais aprofundada de todos os comentários. De forma geral, no entanto, podemos perceber que existem dois tipos de interação: as que concordam com o posicionamento do “textão” e as que são contrárias a ele. De todo o modo, vale apontar que outros “pequenos textões” surgiram nos comentários e alimentaram o debate sobre o tema.



Post completo: <https://www.facebook.com/averbuck/posts/866335266825064>

1) Quantas curtidas (reações), compartilhamentos e comentários teve a publicação?

A publicação da autora Clara Averbuck teve 22 mil reações até o dia 5 de dezembro de 2017, sendo 6.137 curtidas (likes), 11.640 reações 'tristes' e 4.604 reações de 'raiva'. Além disso, a postagem teve 3.153 compartilhamentos e 185 comentários.

2) Quais são as características do texto? Quem é o narrador? Quais são as fontes citadas?

O ‘textão’ de Clara Averbuck é narrado em primeira pessoa e trata da temática do abuso sexual. O texto trata de um abuso sofrido pela autora depois que ela saía de uma festa. Ao contrário do texto publicado na página “Quebrando Tabu”, Clara defende um ponto de vista sem trazer dados estatísticos. Para fazer isso, ela usa a experiência pessoal de ter sido abusada por um motorista de Uber.

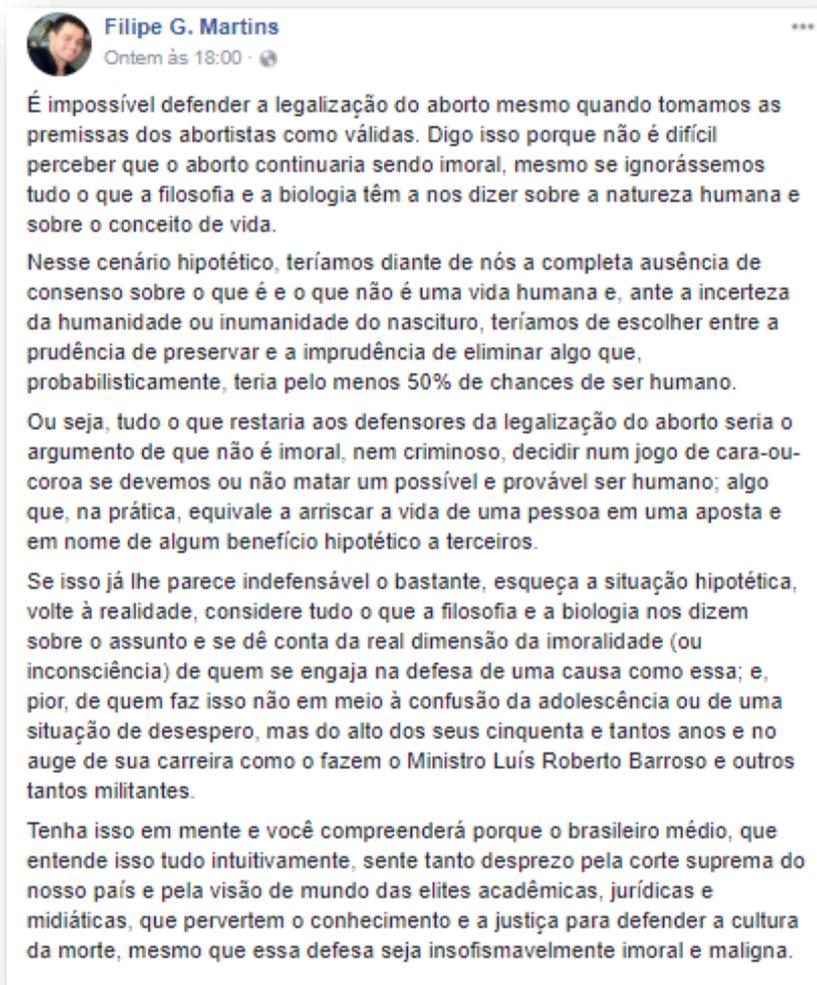
Nesse sentido, mesmo defendendo uma tese, de que “o mundo é um lugar horrível para ser mulher”, a autora não escreve com as características de uma dissertação acadêmica. Pelo contrário: o texto é construído de uma forma estética bem peculiar. As frases são curtas, rápidas e não têm letras maiúsculas. Ao se deparar com o texto, o leitor pode ter a impressão de que Clara estava ofegante quando escreveu. A forma de composição estética não-formal e a dinâmica rápida das palavras tentam passar toda a angústica da autora em relação ao ocorrido. A utilização de palavrões e de palavras como “tava” ao invés de “estava” também buscam arrastar o leitor para mais perto da história.

É um texto de alerta que fala sobre uma realidade vivida por muitas mulheres em todo mundo, mas não é um texto que se proponha cientificista. As justificativas estão dentro do próprio texto e não fora dele.

Além disso, vale ressaltar que os comentários na postagem foram diversos. Muitas mulheres, depois do “textão” de Clara, começaram a publicar suas próprias histórias de abuso, usando a *hashtag* #MeuMotoristaAbusador.

Isso mostra que, apesar de não se apoiar em dados científicos, o texto de Clara impactou muitas pessoas. Os compartilhamentos e o alcance da postagem contribuíram para que outras mulheres fossem alertadas. E, no final das contas, esse parece ser o objetivo maior de Clara ao publicar seu relato.

Texto 3 – Página pessoal de Filipe G. Martins



Post completo: www.facebook.com/filipe.garcia.5621/posts/1204125519731796?pnref=story

1) Quantas curtidas (reações), compartilhamentos e comentários teve a publicação?

A publicação de Filipe G. Martins teve cerca de mil reações até o dia 5 de dezembro de 2017, sendo 948 curtidas (likes), 12 reações 'tristes' e 56 reações de 'amei'. Além disso, a postagem teve 197 compartilhamentos e 43 comentários.

2) Quais são as características do texto? Quem é o narrador? Quais são as fontes citadas?

O “textão” de Filipe G. Martins é narrado na primeira pessoa do plural e, assim como o texto da página “Quebrando o Tabu”, também trata da temática do aborto.

No caso do texto de Filipe, não há a utilização de relatos pessoais ou pesquisas científicas para sustentar sua tese. O autor utiliza-se de argumentos filosóficos para tentar provar a ideia de que é impossível defender a legalização do aborto.

E, apesar de não ser escrito na terceira pessoa e nem utilizar dados e citações para provar seu ponto de vista, Filipe Martins utiliza-se de retórica e de raciocínio lógico na argumentação. Mesmo não citando dados, há a referência à ciência e à biologia no texto – o que Filipe usa como justificativa para seu argumento. No entanto, o autor não explica “tudo o que a filosofia e a biologia nos dizem sobre o assunto”.

Interessante perceber que, por ter sido publicado em seu perfil pessoal, a publicação de Filipe tem a maioria dos comentários favoráveis à proposta defendida pelo autor. A maior parte das interações concorda com Filipe e se identifica com a causa.

Considerações Finais

Que as mídias sociais fazem parte do cotidiano dos brasileiros, é inegável. Inegável, também, é que o Facebook atua como uma plataforma digital que permite aos usuários escreverem textos e serem lidos pelas pessoas que integram seus círculos de amizades. E, às vezes, até mais que isso: se um texto “viralizar” e for compartilhado por milhares de usuários, ele pode chegar a outras diversas páginas e ser lido por outras milhares de pessoas.

O objetivo deste trabalho não é fazer um julgamento crítico sobre os textos que circulam no Facebook e determinar se são bons ou ruins. Pelo contrário: é tentar enquadrar essa novidade textual em alguma forma literária conhecida.

Primeiramente, é importante lembrar que o *corpus* de análise deste trabalho foi de apenas três textos, o que é uma amostragem muito pequena em termos quantitativos. Apesar disso, podemos notar algumas características que

tornam o “textão” uma modalidade de escrita próxima do conceito de ensaio, definido por Adorno em “O ensaio como forma”.

Analisando os três “textões” selecionados para este artigo, podemos perceber que eles não têm um formato pré-definido e não seguem regras de gêneros textuais específicos. Apesar disso, todos eles trazem em seu conteúdo alguma reflexão que precisa ser validada.

Essa “reflexão” que é o fio condutor dos “textões”, de certa forma, os aproxima de uma dissertação. Ao mesmo tempo, todos eles têm uma característica de pessoalidade que faz com que as interações nos comentários sejam empáticas, favoráveis ou até contrárias ao autor.

E se voltarmos à definição feita por Adorno, podemos pensar que o “textão” de certa forma se aproxima da ideia de ensaio. Isso porque, no Facebook, não há um tipo de texto pré-determinado que deva ser seguido. O usuário pode escrever como quiser: prosa, poesia, dissertação. Ao mesmo tempo, os “textões” normalmente tratam de temas que se esgotam em si mesmos.

Outro ponto de reflexão é se o “textão” tem características de arte ou não. Interpretando Adorno, podemos entender que o ensaio é um tipo de texto que se aproxima, sem a obrigatoriedade do ineditismo e da estética artística. Diferentemente dos textos científicos, que buscam uma resposta final e assertiva sobre um determinado tema, o ensaio também não tem essa obrigatoriedade.

Com o passar dos anos, as plataformas de publicação foram se alterando, e, independentemente do mérito da qualidade dos textões do Facebook, é inegável que essa é uma plataforma cada vez mais utilizada. E ela tem sido, sim, o espaço de publicação de muitos textos: tenham eles características de artísticos, científicos ou não.

Importante, aqui, é lembrar que a tecnologia e as plataformas de publicação sempre avançam. É impossível garantir que o Facebook vá se manter inalterado ao longo dos anos, mas é totalmente plausível pensar que as publicações digitais vão se fortalecer com o passar do tempo. Além disso, há de se considerar que o espaço virtual dá imagem e voz a pessoas que talvez nunca fossem vistas e ouvidas em outros contextos. Nesse sentido, também precisamos considerar que – cada vez mais – as pessoas estão passando o seu tempo conectadas.

O Facebook é apenas uma das plataformas digitais em que isso é possível. Com certeza, sendo ele um espaço democrático, deverá abrigar muitos conteúdos de pouca qualidade. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que outros, muito bons, também serão publicados.

A discussão acerca do valor literário de um texto é complexa e, pelo pouco tempo de desenvolvimento deste artigo, não há possibilidade dela ser esgotada. No entanto, o objetivo deste trabalho foi fazer uma reflexão sobre essa nova “modalidade” de escrita que chega a milhares de pessoas diariamente e que, com certeza, impacta suas vidas.

Por fim, fica a sugestão de um trabalho futuro que desenvolva mais o tema e que utilize um *corpus* de pesquisa maior para um melhor desenvolvimento qualitativo. As discussões acerca das novas modalidades de escrita têm um ótimo potencial a ser desenvolvido e podem, de alguma forma, retratar esse avanço na história da humanidade.

Referências

ADORNO, Theodor. **O ensaio como forma**. In: _____. Notas de literatura I. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p.15-45.

FacebookNewsroom. Disponível em: <<https://br.newsroom.fb.com/company-info/>> Acesso: 8 de out. 2017.

MALINI, Fábio. **UM MÉTODO PERSPECTIVISTA DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS: cartografando topologias e temporalidades em rede**. Disponível em<http://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf>. Acesso: 22 de out. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf. Acesso: 22 de out. 2017.

SECOM, Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso: 6 de dezembro de 2017.

SUBRINHO, Abinalio. LIMA, Elizabeth. **TWITTERATURA: A NANOLITERATURA NAS REDES SOCIAIS**. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/26626/15313>> Acesso: 22 de out. 2017

KANTAR Ibope Media. **Acessar redes sociais é uma das atividades preferidas dos internautas brasileiros**. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/acessar-redes-sociais-e-uma-das-atividades-preferidas-dos-internautas-brasileiros-2/>. Acesso: 6 de dez. 2017.

KANTAR Brasil Insights. **Internet abre portas para a leitura**. Disponível em: <http://br.kantar.com/tecnologia/comportamento/2016/junho-h%C3%A1-bitos-leitura-brasileiros-internet-abre-portas-para-livros/>. Acesso: 6 de dez. 2017.

Retratos da leitura no Brasil 4. Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ANEXOS

1 – Texto na íntegra da página “Quebrando o Tabu”

Desde que defendi abertamente a legalização do aborto, muitas mulheres, conhecidas ou não, passaram a me procurar para pedir indicação de médicos que realizem o procedimento com o mínimo de segurança. Não falo de duas, seis mulheres, mas de dezenas.

Sei que fenômeno semelhante ocorre com outras mulheres que, como eu, são favoráveis à descriminalização do aborto.

Fico pensando no que leva uma pessoa a procurar uma desconhecida para ajudá-la em momento tão delicado da vida, em quem é ela e como veio parar nessa situação.

Segundo dados apresentados no seminário “Mídia e Aborto”, organizado em abril de 2015 pelo Grupo de Estudos sobre o Aborto (GEA), uma em cada cinco mulheres de 40 anos já abortou.

O perfil das mulheres que me procuram é variado: são moças casadas, solteiras, com parceiro fixo ou não, muito jovens, mais velhas, ricas, pobres, com ou sem filhos, brancas, negras, religiosas ou não. Em comum, todas trazem consigo o medo e uma vulnerabilidade extrema. A imensa maioria está sozinha, quando muito conta com o apoio de uma amiga ou do parceiro (mais raro).

Portanto, com base nos dados e na minha experiência e na de outras pessoas que ousam falar sobre aborto, afirmo sem a menor dúvida que essas mulheres não são as outras, como gostamos de imaginar, mas, ao contrário, somos todas nós.

Elas poderiam confiar em um médico que as amparasse e acolhesse, que lhes desse informações seguras sobre como proceder diante de uma gravidez indesejada, que lhes apresentasse todos os caminhos possíveis e, eventualmente, as acompanhasse durante e depois do procedimento, indicando-lhes como agir no futuro para que não engravidassem sem querer novamente.

Todavia, na falta de opção, recorrem a amigas e desconhecidas em quem, imaginam, podem confiar e encontrar o mínimo de apoio.

Sugiro, aqui, que façamos um exercício e nos coloquemos por um minuto apenas no lugar dessas mulheres.

Por descuido ou acaso, você engravidou, mas não deseja ou não pode seguir com a gravidez. Você não tem recursos, não tem parceiro fixo, acha que ainda não tem idade suficiente para arcar com um filho, não importa o motivo que a levou a não desejar a gravidez, você não quer ou não pode seguir adiante.

O que fazer? A quem procurar? Como o aborto é crime, você será considerada criminosa se buscar um hospital ou serviço de saúde para pedir ajuda.

A você, então, só resta procurar amigos e familiares. Nem todas, porém, podem contar com uma rede de apoio, por motivos variados.

Sozinha, você vai atrás de informações por conta própria, e nesse processo tudo pode acontecer. Sem orientação de um especialista, que você não sabe onde encontrar e talvez nem tenha dinheiro para pagar, você reza para não morrer.

Sei que muitos vão dizer: “então por que fez sexo se não pode arcar com as consequências?”. Bom, então deveríamos tratar desse modo quem contrai sífilis, gonorreia, HPV e outras doenças sexualmente transmissíveis. Afinal, contrair uma DST é um risco que todos que fazem sexo correm, mas apenas uma minoria, creio, deseja que as pessoas não tenham direito a um tratamento médico decente.

No entanto, condenamos milhares de mulheres aos riscos que um aborto inseguro implica. Não lhe oferecemos nenhuma alternativa, nenhum tratamento, nenhum amparo.

A verdade é que, assim como contrair uma DST, engravidar é um risco de quem faz sexo. E da mesma forma que uma pessoa não deve ser punida e esquecida porque contraiu uma doença, seja ela qual for, uma mulher que não deseja a gravidez também não deve ser abandonada à própria sorte.

A ideia de que as mulheres devem ser castigadas porque fazem sexo por prazer é tão antiga que é difícil acreditar que ainda nos deixemos levar por ela. Pior, que estructuremos nossa sociedade e nossos valores com base nela.

O Estado que não oferece serviço médico a mulheres que engravidam sem desejar não cumpre seu papel, pois é sua obrigação garantir aos cidadãos o acesso à saúde e aos direitos reprodutivos. E se o Estado falha, falhamos todos ao aceitar sua omissão.

[#PrecisamosFalarSobreAborto](#)

[#AbortoLegal](#)

•

Mariana Varella faz o blog [Chorumelas - Por Mariana Varella](#). Escreve semanalmente no Quebrando o Tabu.

2 – Texto na íntegra da página da autora “Clara Averbuck”

bom, virei estatística de novo. queria chamar de "tentativa de estupro" mas foi estupro mesmo. tava bêbada? tava. foda-se. não vou incorrer no mesmo erro de quando eu era adolescente e me culpar. fui violada de novo, violada porque sou mulher, violada porque estava vulnerável e mesmo que não estivesse poderia ter acontecido também. o nojento do motorista do uber aproveitou meu estado, minha saia, minha calcinha pequena e enfiou um dedo imundo em mim, ainda pagando de que estava ajudando "a bêbada". estou machucada mas estou em casa e medicada pra me acalmar. estou decidindo se quero me submeter à violência que é ir numa delegacia da mulher ser questionada, já que a violência sexual é o único crime que a vítima é que tem que provar. não quero impunidade de criminoso sexual mas também não quero me submeter à violência de estado. justamente por ter levado tantas mulheres na delegacia é que eu sei o que me espera. estou ponderando. estou com o olho roxo e a culpa de ter bebido e me colocado em posição vulnerável não me larga. a culpa não é minha. eu sei. a dor, a raiva e a impotência também não me largam. estou falando tudo isso para que todas as que me lêem saibam que pode acontecer com qualquer uma, a qualquer momento, e que o desamparo e o desespero são inevitáveis. o mundo é um lugar horrível pra ser mulher.

2 – Texto na íntegra da página de Filipe G. Martins

É impossível defender a legalização do aborto mesmo quando tomamos as premissas dos abortistas como válidas. Digo isso porque não é difícil perceber que o aborto continuaria sendo imoral, mesmo se ignorássemos tudo o que a filosofia e a biologia têm a nos dizer sobre a natureza humana e sobre o conceito de vida.

Nesse cenário hipotético, teríamos diante de nós a completa ausência de consenso sobre o que é e o que não é uma vida humana e, ante a incerteza da humanidade ou inumanidade do nascituro, teríamos de escolher entre a prudência de preservar e a imprudência de eliminar algo que, probabilisticamente, teria pelo menos 50% de chances de ser humano.

Ou seja, tudo o que restaria aos defensores da legalização do aborto seria o argumento de que não é imoral, nem criminoso, decidir num jogo de cara-ou-

coroa se devemos ou não matar um possível e provável ser humano; algo que, na prática, equivale a arriscar a vida de uma pessoa em uma aposta e em nome de algum benefício hipotético a terceiros.

Se isso já lhe parece indefensável o bastante, esqueça a situação hipotética, volte à realidade, considere tudo o que a filosofia e a biologia nos dizem sobre o assunto e se dê conta da real dimensão da imoralidade (ou inconsciência) de quem se engaja na defesa de uma causa como essa; e, pior, de quem faz isso não em meio à confusão da adolescência ou de uma situação de desespero, mas do alto dos seus cinquenta e tantos anos e no auge de sua carreira como o fazem o Ministro Luís Roberto Barroso e outros tantos militantes.

Tenha isso em mente e você compreenderá porque o brasileiro médio, que entende isso tudo intuitivamente, sente tanto desprezo pela corte suprema do nosso país e pela visão de mundo das elites acadêmicas, jurídicas e midiáticas, que pervertem o conhecimento e a justiça para defender a cultura da morte, mesmo que essa defesa seja insofismavelmente imoral e maligna.